



ARRIBA

Nº. 16

Associação de Moradores dos Capuchos

Março 2023



Pegadas

Capa: Pegadas

1. Sinal ou vestígio do pé.
2. Conjunto de marcas deixadas pela passagem de algo ou alguém.
3. Conjunto de marcas que resultam de uma ação.
4. Percurso ou comportamento de alguém, que pode ser seguido ou imitado.

Sumário

Diário de Bordo Informação aos sócios	Pag. 2/4
Próxima Assembleia Geral: Encontro, Informação e Participação de José Carlos Nunes (Presidente da Direção)	Pag. 5/6
O Quarto Estado	Pag. 7
Os Capuchos nas minhas memórias (4ª. Parte) de Eduardo Gomes	Pag. 8/10
Pegadas um conto de Paulo Figueiredo	Pag. 11/13
Capuchos – Uma aguarela e um poema por Carlos Canhão	Pag. 14
História e estórias do concelho de Almada As quintas do Concelho de Almada de João Paulo Curto	Pag. 15/17
Manif Cartoon de Ferrer Asturiano	Pag. 18

O "ARRIBA" é propriedade e edição da **Associação de Moradores dos Capuchos**
Publicação trimestral gratuita. Distribuição por e-mail

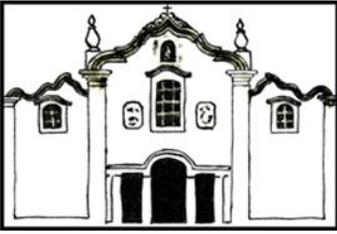
Contactos: <https://moradorescapuchos.wixsite.com/capuchos>

Facebook: <https://www.Facebook.com/AMC-Associação-de-Moradores-dos-Capuchos-426610328116880/>

E-mail: associacaomoradorescapuchos@gmail.com



Visite o nosso site!



Associação de Moradores dos Capuchos

Diário de Bordo

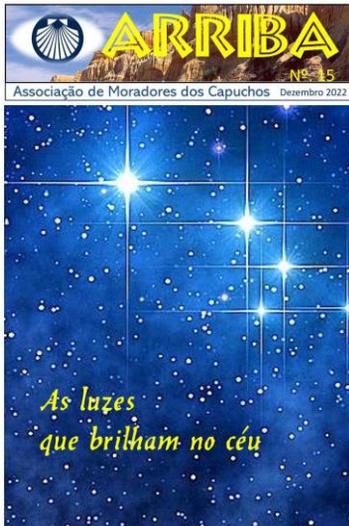
Informação aos sócios

19/11

Realização do almoço de confraternização com a presença de 33 moradores e de 3 convidados.



Para assinalar o evento, foi distribuído, em 1ª. mão e em papel a cores, o Jornal Arriba de Dezembro.



22/11

Distribuição do Jornal "Arriba" nº. 15 pelos Associados, pelos Órgãos da Autarquia e da Junta de Freguesia, pelo Movimento

Associativo e Cultural, pelos Amigos da AMC e dos Capuchos, pelos Meios de Comunicação Social de Almada e pelo comércio Local.

22/11

Envio de mail à Vereadora com o pelouro da Higiene Urbana, solicitando reunião para debate de aspetos relacionados com a Higiene Urbana, com os Espaços Verdes e com o Arvoredo. Sem resposta.

26/11

Realizou-se a 2ª. caminhada com o apoio da Associação de Moradores dos Capuchos.

 2ª Caminhada com o apoio da Associação de Moradores dos Capuchos

26 novembro 2022

Pela sua saúde e bem-estar venha caminhar connosco.
Não é necessária inscrição.
E traga um amigo. Esperamos por si!



Hora: Concentração a partir das 10h45 com partida às 11h00
Duração: 1 hora (aproximadamente)
Distância: 2 km
Nível de dificuldade: Baixo

29/11

Participação da AMC na Assembleia de Freguesia.



<https://youtu.be/YdGdMH2ZdUE?t=3483>

Clique no link para ver o vídeo.

Presença e intervenção na Assembleia de Freguesia de Caparica e Trafaria, chamando a atenção para a escassez de reuniões e falta de intervenções no nosso território, levando a um cenário de degradação do mesmo.

5/12

Envio de mail à Junta de Freguesia, pormenorizando mais uma vez as necessidades do território e dos moradores.

9/12

Realização de reunião de Direção para análise da intervenção da AMC e resposta do Executivo na Assembleia de Freguesia de 29 de Novembro e de ações a desenvolver.

13/12

Queda de pinheiro sobre dois automóveis estacionados, junto ao Convento.



14/12

Realização de reunião de Direção para preparação da próxima reunião, a 16 de Dezembro, com a C. M. Almada e início da preparação da próxima AG.

16/12

Reunião com o Vereador do pelouro de Infraestruturas e Obras Municipais e com técnicos do respetivo serviço, tendo-nos sido dito que a requalificação das ruas será tratada no âmbito da requalificação do

Miradouro dos Capuchos, que poderá também integrar o Espaço da antiga Escola Primária, obras cujo projeto será adjudicado a uma empresa externa, tendo o orçamento de 2023 sido dotado de verba para o efeito.

Sobre a necessidade de reabilitação da R. do Alto dos Capuchos foi-nos dito que será tratada no âmbito da retoma da Urbanização da Aldeia dos Capuchos, tendo a C. M. Almada já reunido com o grupo investidor que detém o projeto, ao qual nada será acrescentado.

Sobre a necessidade urgente de acrescentar pequenas obras à repavimentação da EN-10-1, já há muito solicitadas e acordadas com os serviços, foi-nos dito apenas que, para o controle de velocidade, vai ser dada preferência a lombas e que os abrigos para as paragens de autocarros serão colocados logo que o respetivo concurso fique concluído.

24/1

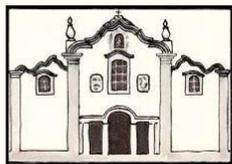
Enviado mail ao Vereador de Infraestruturas e Obras Municipais, solicitando a intervenção em árvores que constituem perigo para o espaço público, pessoas e bens, na sequência da queda de um pinheiro no espaço do Convento dos Capuchos.

9/12 e 31/1

Participação em reuniões do Grupo de Trabalho I (Espaço Público) da Comissão Social de Freguesia de Caparica e Trafaria.

25/2

Realização de reunião de Direção para elaboração de documentos necessários à próxima Assembleia Geral da AMC, a realizar-se em 25 de Março.



Associação de Moradores dos Capuchos Assembleia Geral Ordinária

Em conformidade com os estatutos, convocamos para o próximo dia **25 de março de 2023** a Assembleia Geral Ordinária desta Associação.

Esta Assembleia terá lugar no **lote 9 da Praceta Lourenço Pires de Távora**, com a seguinte **ordem de trabalhos**:

1. **Apreciação, para efeitos de aprovação, do Relatório e Contas do ano de 2022;**
2. **No âmbito da análise da estrutura financeira da AMC, a evidenciar a urgente necessidade do incremento das receitas e com essa finalidade:**
 - 2.1 **Apresentação de proposta para a atualização do montante da quota, passando o valor mensal de € 1,00 para € 1,25 e o anual de € 12,00 para € 15,00;**
 - 2.2 **Urgente intervenção junto dos moradores (visitas porta a porta) com a finalidade de captação de novos associados e também a manutenção dos atuais;**
 - 2.3 **Realização da melhor receita possível, nomeadamente por sorteio através da venda de rifas, de uma serigrafia gentilmente cedida pelo pintor Carlos Canhão.**
3. **Apreciação, para efeitos de aprovação, do Plano de atividades para 2023;**
4. **Apreciação, para efeitos de aprovação, do Orçamento para 2023;**
5. **Outros assuntos.**

A Assembleia iniciar-se-á às 14H30, caso esteja presente um mínimo de 50% dos associados, ou 30 minutos depois com qualquer número.

Nota: Em conjunto com esta convocatória estão a ser distribuídos o Relatório e Contas de 2022, o Orçamento e o Plano de Atividades propostos para 2023.

Capuchos, 25 de fevereiro de 2023

O Presidente da Mesa da Assembleia

João Paulo Curto

NIF 513707000 Email: associacaomoradorescapuchos@gmail.com

Morada (provisória): Praceta Lourenço Pires de Távora, 9 – R/ch

<https://moradorescapuchos.wixsite.com/capuchos>

Próxima Assembleia Geral

Encontro, Informação e Participação



Por **José Carlos Rodrigues Nunes** (Presidente da Direcção)

No próximo dia 25 de Março irá realizar-se a nossa próxima Assembleia Geral ordinária da AMC, a primeira do ano corrente.

Pretende-se que seja, não apenas o cumprimento de uma obrigação legal, mas também e muito importante, uma óptima oportunidade para o encontro dos nossos associados com os Corpos Sociais da nossa Associação e, no âmbito da ordem de trabalhos que será apresentada para aprovação, uma boa ocasião para lembrarem ou tomarem conhecimento das actividades desenvolvidas pela Direcção, bem como das previstas, cujas se espera que surtam efeitos no curto-médio prazo. Além disso, em relação a algumas questões, a intervenção dos associados presentes será imprescindível em termos de votação com vista à respectiva aprovação.

Daqui se deduz a importância, diria mesmo quão indispensável é a

presença dos associados nesta AG, apoiando desse modo as actividades da Direcção, sempre dirigidas para a defesa dos interesses dos moradores dos Capuchos.

A Ordem de Trabalhos integrará, entre outros, os seguintes pontos, os quais, após a sua apresentação, serão objeto de votação para efeitos de aprovação: Relatório e Contas do ano de 2022, Plano de Atividades para 2023 e Orçamento para 2023.

O Plano de Atividades para 2023 integra iniciativas da Direcção relacionadas com várias situações, algumas das quais já fizeram parte de Planos anteriores. Esta situação não significa ausência de intervenção da Direcção, mas ausência de decisões ou de cumprimento de promessas feitas, por partes das entidades oficiais envolvidas.

O Orçamento para 2023 evidencia a frágil estrutura financeira da Associação, cujas receitas normais se limitam às quotas dos associados.

Perante a evidente necessidade do seu urgente reforço e com essa firme intenção, a Direção irá realizar um conjunto de iniciativas, entre as quais se evidenciam:

- Contatos com os moradores/ associados (visitas porta-a-porta), visando o aprofundamento do conhecimento dos objetivos e das correspondentes atividades da Associação e, em consequência, tentar angariar novos associados e garantir a permanência dos atuais.
- Ligeiro aumento do valor da quota

paga pelos associados, passando de um valor mensal de €1,00 para €1,25, ou seja, para um valor anual de € 15,00.

- Realização da melhor receita possível, nomeadamente por sorteio através da venda de rifas, de uma linda Serigrafia gentilmente cedida pelo pintor almadense Carlos Canhão.

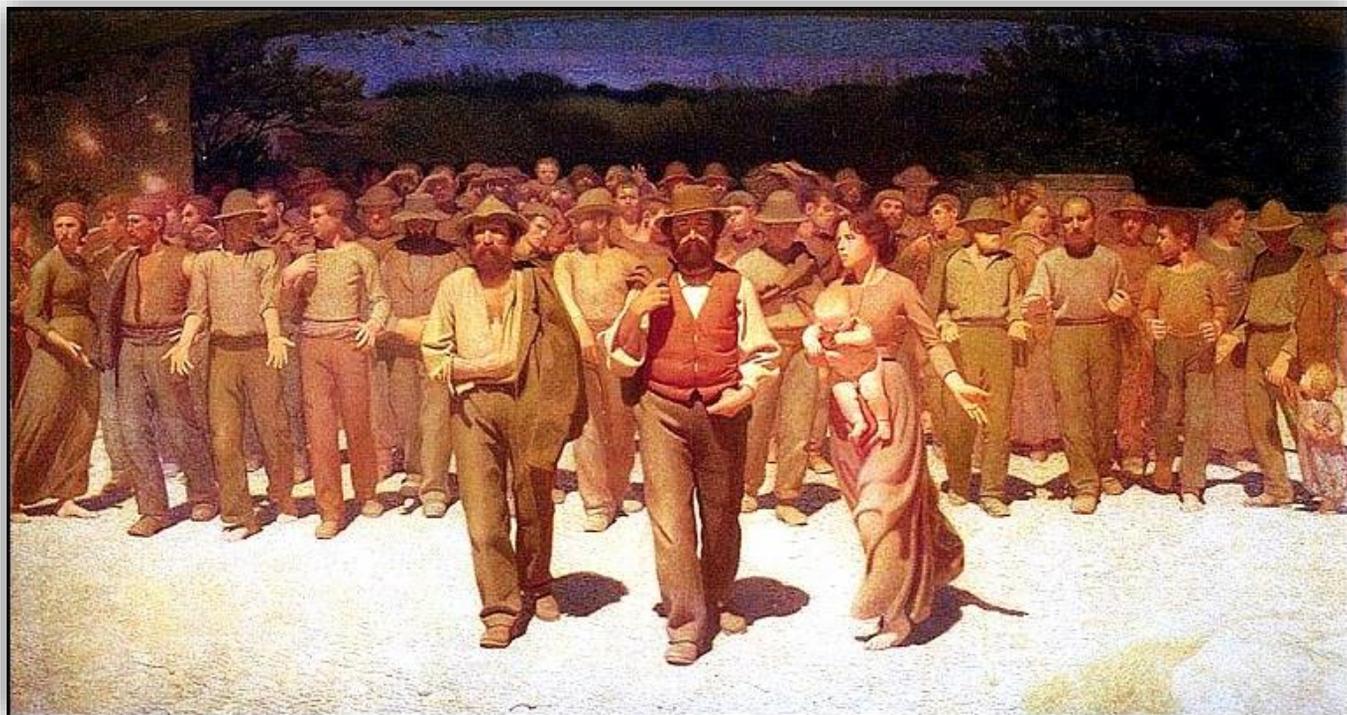
Face ao mencionado, reforçamos o nosso veemente apelo: venham ajudar a AMC a cuidar dos interesses da comunidade dos Capuchos - APAREÇAM!



Serigrafia de Carlos Canhão.

Dimensões: 80 X 50 cm.

O Quarto Estado



O Quarto Estado é uma pintura a óleo sobre tela de grandes dimensões (293x545 cm.) do pintor italiano **Giuseppe Pellizza da Volpedo** (1868-1907), concluída em 1901 e conservada no Museu do Novecento em Milão.

O Quarto Estado descreve um grupo de trabalhadores marchando em protesto numa praça. O avanço do desfile não é violento, mas lento e seguro, para sugerir uma sensação de inevitável vitória: foi intenção de Pellizza dar vida a "uma massa popular, de trabalhadores da terra, que, inteligentes, fortes, robustos, unidos, marcham como torrente esmagadora de quaisquer obstáculos que surjam para atingir o lugar onde encontra o equilíbrio".

Os Capuchos nas minhas memórias (4ª. Parte)

De Eduardo Gomes

Dezenas de vezes, fiz o caminho entre a taberna do meu avô Virgílio Nunes, no largo da Estrelinha, frente ao portão da quinta com o mesmo nome, e a taberna e mercearia de Inácio Calcinhas (assim era conhecido), para comprar café e açúcar. Nesse percurso parava a observar a atividade que se desenvolvia na oficina de ferrador, existente no aglomerado de casas, propriedade do referido Inácio Calcinhas.



Era aqui a oficina do ferrador.

Esta oficina tinha por função aplicar ferraduras em animais: cavalos, éguas, mulas, machos e burros.

Estes participavam em atividades de puxar carroças, charruas, grades e transporte de pessoas. Por isso precisavam de proteger os cascos, para poder firmar-se na terra e potenciar melhor as suas capacidades físicas no desenvolvimento do trabalho.

A localização desta oficina de ferrador era no outeiro dos Capuchos, mesmo em frente da casa do sr. Torres (toda a zona era conhecida por mata do Torres). Mais tarde foi comprada por Valentim de Carvalho (talvez nas décadas de 40/50 do século XX), conhecido dono da editora discográfica.



A casa do Sr. Torres

Esta antiga casa foi recentemente demolida e cresceu no seu lugar outra bem mais volumosa. A traseira da oficina de ferrador estava virada para o atual numero de policia 685 - Lote 1. A porta principal, muito larga, estava perto da estrada nacional, sendo a parede virada a nascente, paralela com a rua que desce no sentido do Funchal. O responsável era o José "Ferrador" (assim era conhecido), genro de Inácio Calcinhas.

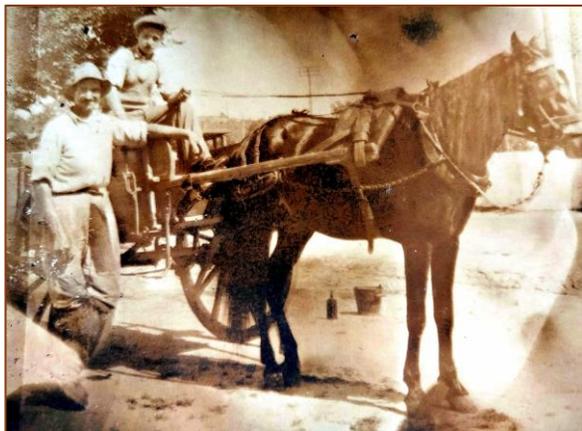
A taberna e mercearia a que me refiro, localizava-se no final da correnteza de casas, a poente, onde é hoje o Lote 5.



Era aqui a taberna e mercearia.

A atividade de ferrar os animais justificava-se plenamente, nas décadas de que tenho memória - 40/50/60/70 do século passado-

porque a atividade agrícola e outras associadas, eram as principais. As quintas estavam em pleno funcionamento e os donos ou rendeiros possuíam animais, essenciais ao trabalho.



Carroça da antiga Qta. da Estrelinha

Nesta oficina de ferrador, vinham ferrar os seus animais gente da Trafaria, das Terras da Costa e das quintas existente à sua volta (Capuchos, Robalo, Aldeia, Vila Nova de Caparica). Lembro de algumas pessoas que tinham atividade:

César Gomes, António das Neves "santaneiro", Frederico Nunes, Ângelo Gomes, António Guedelha (em Robalo); Júlio Mesquita, Carlos Nunes, António "das Vacas", Virgílio Nunes, Maria da Rocha (em Capuchos); José Garcia, Leónia (em Qta. da Aldeia); António Garcia, Gaudêncio (em Qta. da Estrelinha).

Recordo que à época, existia também uma oficina de ferrador nas Casas Velhas, cujo responsável era irmão de José "Ferrador". Localizava-se nas casas onde existe, desde a década de 80 do século passado, o restaurante "Dia a Dia".

A frente da oficina estava virada para a estrada nacional, tal como está ainda, igualmente em frente existia a Qta. Estrela, a taberna (do Portela) e o início da azinhaga em direção ao Vale da Sobreda. Também aqui, eu parava a observar a

atividade do ferrador, quando regressava a pé, da escola primária do Monte de Caparica (perto da igreja), em direção a Vila Nova de Caparica, Estrelinha ou Capuchos, conforme fosse para casa, para a taberna ou Cabedelo ajudar o avô Virgílio.

Frequentei a escola no Monte só em 1956/57, porque a Vila Nova só lecionava até à 3ª classe. Recordo que andaram comigo na escola César Gomes e o irmão Rafael Gomes e o Fernando Santos, moradores nos Capuchos, entre outros.

O ambiente nas duas oficinas de ferradores era semelhante. Havia cá fora animais presos, á espera de vez, o interior era bastante escuro, tinha uma forja, uma ou duas grandes bigornas, uma área onde estavam expostas as ferraduras perto da mão do ferrador, tal como as ferramentas, que eram, entre outras: martelos, tenazes, alicates, limas, limatões e grosas.



Havia construída uma estrutura em madeira, semelhante a um curro, para que o animal entrasse, quase á medida do seu volume, permitindo controlar com segurança os seus movimentos, por vezes inesperados. O ferrador usava roupa adequada e um

aventil em couro, para o proteger, nomeadamente do calor intenso quando trabalhava na forja.

Quando iniciava a função, o ferrador ficava de costas para o animal, de modo a que a perna deste ficasse entre as suas, com o casco virado para cima, bem visível em todas as manobras que necessitasse efetuar.



Antes de substituir as ferraduras, verificava o estado do casco, retirava a ferradura gasta e os cravos (semelhante a pregos) que a fixava. O cravo, no seu batente, tem quatro faces. A seguir o casco era desbastado com uma grosa ou lima, de modo a que a ferradura assentasse bem. Quando a ferradura era mais pequena que o casco, o ferrador punha-a ao lume na forja, até ficar em brasa, de seguida malhava-a na bigorna para que o metal estendesse ao tamanho pretendido.



Ainda em brasa, era mergulhada em liquido, para arrefecer, tomar têmpera e obter mais dureza.

Mas toda esta atividade "tinha os dias contados".

Tudo foi funcionando sem um desenvolvimento sustentado, por isso a atividade agrícola foi diminuindo e atingiu níveis sem futuro.

A partir do final da década de 60 do século XX, as quintas e a atividade agrícola nesta região entraram em declínio.

A inauguração da Ponte em 1966, desencadeou ocupação diferente do território. O que antes era transportado em carroça passou a ser em viatura automóvel.

A falta de planeamento e de apoio á agricultura foi fatal, tal como as péssimas condições de trabalho que eram oferecidas aos trabalhadores.

O ensino não existia para a maioria. Os que tinham algum conhecimento escolar e os mais novos foram para a construção civil e para fábricas e indústrias várias.

Os Ferradores também tinham "os dias contados"!



Esta fotografia, integrada neste artigo na anterior edição deste jornal, foi-nos fornecida pelo autor com a indicação de que pertencia ao Prof. Alexandre Flores.

Por lapso nosso, foi publicada sem essa

referência e sem que tivéssemos obtido, da parte do Prof. Alexandre Flores, a devida autorização. Pelo facto, que lamentamos, aqui fica o nosso pedido de desculpas.

PEGADAS

Por Paulo Figueiredo

O Guerreiro pousou a mochila e sentou-se de costas contra uma árvore. Fechou os olhos, pareceu-lhe que a árvore se tinha mexido e que o aconchegava. Abriu os olhos e como se nada tivesse visto de estranho, de novo os cerrou. Ocorreu-lhe que a árvore já tivesse visto um número incontável de guerreiros e que lhes tivesse oferecido a sua sombra no pino do verão, a sua madeira no pino do inverno, os seus frutos quando a fome apertava.

O Guerreiro esqueceu as horas. Acordou como se tivesse saído de uma meditação, pôs-se de pé e retomou a viagem atrás do rasto de pegadas que vinha seguindo desde que o sol se levantou. Era o segundo dia de caminhada desde que o navio naufragou na baía daquela ilha. O Guerreiro tinha sido um dos poucos sobreviventes. Durante algumas horas caminhou lentamente para poupar forças, procurando sombra o mais possível, o sol e a sede não davam tréguas. Subitamente, ao atravessar uma clareira, deparou-se com dois rastos de pegadas.

Tinha chegado o momento de usar o que tão ciosamente escondeu durante a fatídica viagem marítima. Aproveitando também para descansar, abriu a mochila, retirou o que parecia ser um pequeno livro e trouxe-o para a luz. Debaixo do sol, aquele objecto sujo e com algumas folhas rasgadas nas pontas parecia brilhar como ouro. O que muitos pensavam ser apenas uma lenda, ali estava, o Manuscrito, e por esse nome era conhecido e desejado. O Guerreiro estudou-o com atenção e quando as dúvidas se dissiparam na sua mente arrumou o Manuscrito com cuidado, deixando o cansaço dissipar-se do corpo antes de seguir o rasto de pegadas que virava à esquerda, para noroeste.

O sol anunciou o fim da tarde, caindo por entre os montes. O Guerreiro deixou-se tombar, descansou um pouco, bebeu água, tirou uns binóculos da mochila e com muito esforço levantou-se e apontou-os na direcção das pegadas. Viu ao longe um brilho forte e com a

esperança a aquecer-lhe a alma, desceu ao fundo de si mesmo e trouxe à superfície forças escondidas. À medida que caminhava, ia usando os binóculos; o brilho era cada vez maior e mais intenso. A aproximação da noite e o cansaço tornavam o rasto cada vez mais difícil de seguir, mas ainda assim caminhou sem parar, até que as derradeiras forças o abandonaram no meio da floresta.

* * *

Assim que abriu os olhos, fechou-os de imediato, cegos que ficaram de uma luz intensa. De olhos semicerrados, tentou ver onde estava. Tinha uma vaga lembrança de ter caído na floresta mas o local onde se encontrava em nada se parecia com uma floresta, mais parecia um quarto. Com alguma dificuldade levantou-se do que aparentava ser uma cama.

- Não te levantes, precisas de repouso, fizeste um esforço muito grande – disse uma voz grave vinda do lado oposto do quarto.

- Quem és tu? – perguntou o Guerreiro ainda aturdido pela luz e pelo cansaço.

- O nome pelo qual me conhecem e me tratam é Sábio e é assim que me deverás tratar. Sou o mais ancião dos anciões desta cidade.

- E que cidade é esta?

- O verdadeiro nome só é conhecido pelo Conselho de Anciões, para todos os outros o nome é Eldorado.

- Eldorado...? Eu estou em Eldorado...?

- Põe a mão à frente dos olhos, vou abrir a janela.

O Sábio abriu as portadas da janela que filtravam a luz exterior. A cidade do ouro ali estava à sua frente, resplandecente, magnífica. Com o Manuscrito por guia, todas as provações porque tinha passado afinal não eram mais do que o caminho do guerreiro mais valoroso, o

caminho da glória.

Vendo as lágrimas que corriam pelas faces do Guerreiro, o Sábio falou:

- Enxuga as lágrimas, a tua busca terminou. Vamos cuidar de ti, terás que aprender as nossas Regras de Ouro, participar no Ritual Dourado e se te mostrares digno, serás um Irmão de pleno direito, viverás uma vida sem cuidados e não mais te lembrarás do passado.

Nos dias que se seguiram o Guerreiro recuperou as forças, aprendeu as Regras de Ouro, e quando o momento certo chegou submeteu-se ao Ritual Dourado. Tendo-se tornado um Irmão, passou a viver como nunca tinha vivido, gozando de todos os prazeres imagináveis.

Certa noite, quando os seus olhos se fechavam de cansaço após mais uma festa, uns sons estranhos entraram pela janela aberta do quarto e despertaram-no. Pareciam gritos, não de prazer, mas de sofrimento. O Guerreiro ficou imóvel, concentrando a audição, mas não tendo ouvido mais nada, não deu importância ao caso e acabou por adormecer.

Na noite seguinte os gritos voltaram. E voltaram na noite que se seguiu. E voltaram na noite depois dessa.

Preocupado e com o peso de três noites mal dormidas, o Guerreiro procurou o Sábio e relatou-lhe as ocorrências.

- Gritos? Decerto a tua mente te pregou uma partida, acho melhor seres mais comedido na procura dos prazeres, entendes?

- Assim farei, agradeço-te o conselho.

O Guerreiro retirou-se em silêncio, mas aqueles gritos não lhe saíam da mente, assim como a sensação de que o Sábio lhe escondia algo. Decidiu repousar durante o dia, iria precisar das forças para uma possível expedição nocturna.

* * *

A noite caiu. Sentado numa cadeira junto à janela, com os sentidos alerta e preparado para entrar em acção, o Guerreiro esperou. E esperou. Achou que a espera estava a ser longa, talvez o Sábio tivesse razão, talvez... uns gritos de arrepiar interromperam os seus pensamentos

De um salto, levantou-se, pegou na velha mochila e correu para o exterior, procurando a origem dos gritos que ainda se faziam ouvir. Subitamente, ouvindo passos apressados e ruidosos, escondeu-se atrás de um edifício.

- Não me levem, por amor de Deus, não me levem.... - suplicava desesperadamente um homem ladeado por outros dois que o arrastavam.

O Guerreiro percebeu então o porquê de já não ouvir gritar, o grito deu lugar à súplica. Apontou os binóculos e reconheceu os três homens, todos vestidos de igual, todos com as vestes de Irmão. Aproveitando as sombras e a noite sem luar, seguiu-os até chegar ao que parecia ser uma estrada de terra batida que saía da cidade. Um veículo aguardava os três homens. Não restou outra opção que não fosse seguir o rasto do veículo. Ao fim de algum tempo de caminhada, o Guerreiro avistou o que lhe pareceu ser a entrada de uma mina. Fazendo os possíveis para não ser visto, correu para a entrada. Era realmente uma mina. Com as devidas precauções, entrou.

Nenhum dos campos de batalha onde combateu e arriscou a vida lhe parecia tão horrível como aquele lugar. Centenas de homens trabalhavam ao ritmo de chicote e de insultos, de entre eles reconheceu vários companheiros de algumas das festas em que tinha participado, percebia agora porque nunca mais os tinha visto. Contudo, outros homens havia cujo rosto surgia em todas as ocasiões, fosse em festas, fosse em cerimónias oficiais. De súbito, teve que se conter para que uma exclamação de surpresa e raiva não denunciase a sua presença. De pé, a controlar as operações, ele ali estava, o Sábio.

* * *

De regresso ao local da floresta onde tinha encontrado os dois rastos de pegadas, o Guerreiro nada fazia para conter as lágrimas. Os pensamentos corriam desenfreadamente na sua mente enquanto o seu passo era pesado e lento. Não sabia que fazer da sua vida, tinha escolhido a via errada, não era aquele o caminho do guerreiro mais valoroso, glória

alguma lhe estava reservada no final daquele caminho. Não sabia o que o esperava no fim do outro rasto de pegadas e já não queria saber, só não queria acabar como escravo no fundo de uma mina para conforto de uns quantos, por isso fugiu de Eldorado, maldito nome. E maldito Manuscrito também!

Finalmente chegou ao sítio onde os dois rastos de pegadas se separavam. Seguiu o outro rasto, iniciando um novo rumo.

O sol anunciou o começo de um novo dia, aparecendo por detrás dos montes. O Guerreiro deixou-se tombar, descansou um pouco, bebeu água, tirou uns binóculos da mochila e com muito esforço levantou-se e apontou-os na direcção das pegadas. Ao longe viu fumo, e com a esperança a aquecer-lhe a alma, desceu ao fundo de si mesmo e trouxe à superfície forças escondidas. À medida que caminhava, ia usando os binóculos, outra coluna de fumo tinha surgido. O sol cada vez mais forte e o cansaço tornavam o rasto cada vez mais difícil de seguir, mas ainda assim caminhou sem parar, até que as derradeiras forças o abandonaram no meio da floresta.

* * *

De olhos semicerrados, tentou ver onde estava. Tinha uma vaga lembrança de ter caído na floresta mas o local onde se encontrava em nada se parecia com uma floresta, mais parecia um quarto. Com alguma dificuldade levantou-se do que aparentava ser uma cama.

- Não te levantes, precisas de repouso, fizeste um esforço muito grande – disse uma voz grave vinda do lado oposto do quarto.

- Quem és tu? – perguntou o Guerreiro, ainda cansado.

- O nome pelo qual me conhecem e me tratam é Ancião. Sou o habitante mais velho desta aldeia.

- E que aldeia é esta?

- Ainda não tem nome, vamos reunir todos os habitantes numa assembleia para arranjar um.

- Como vim aqui parar?

- Agradece a esta criança que te encontrou caído no meio da floresta.

Um rapazito com não mais de seis anos de idade sorriu para o Guerreiro.

- Obrigado. Como te chamas?

- Samuel, os meus amigos chamam-me Sami.

O Ancião pediu, então, ao Guerreiro que contasse a sua odisseia sem nada omitir e este assim o fez.

- Guerreiro, esta aldeia nada tem para oferecer a não ser alimentos em abundância, uma vida simples e sem luxos, não temos ouro nem pedras preciosas. Vivemos um dia de cada vez. É claro que temos regras, que se destinam apenas a vivermos em harmonia e em liberdade. A escolha é tua.

- Ancião, para mim é quanto basta, não quero mais combater nem por senhores da guerra, nem por riquezas, apenas quero paz. Vou queimar aquele maldito Manuscrito que me ia levando à perdição.

- Não, Guerreiro, eu conheço o Manuscrito e pergunto-te se em alguma página encontraste a palavra ouro.

O Guerreiro pensou alguns segundos.

- Não.

- Tu leste o que querias ler e não o que estava escrito. Foste tu quem escolheu aquele caminho, a riqueza de que fala o Manuscrito é a que convém a cada um. É natural que alguém que faz da guerra a sua vida procure um troféu pelo esforço e sacrifício, mas afinal não era bem o que procuravas.

O Guerreiro sentiu-se inundado por uma espécie de luz interior. Olhou para Samuel e no fundo dos seus olhos reencontrou uma criança que corria livre e feliz e se perdeu por campos de batalha e cidades de ouro. Sorrindo, disse:

- Sami, obrigado por me salvares a vida.

Dedicado à criança que há em nós.

Paulo Figueiredo
Capuchos, Fevereiro de 2023

CAPUCHOS

Uma aguarela e um poema
de Carlos Canhão



PEGADA
que vai
que vem
que deixa
que leva
que liga
que afasta
que imprime
que carimba

PEGADA DE HOMEM
que constrói
que destrói

História e estórias do concelho de Almada

As quintas do Concelho de Almada

Por **João Paulo Curto**

Sendo um território reconhecidamente fértil, Almada foi um concelho predominantemente rural até ao século XX. Esta ruralidade foi determinante para a explicação da paisagem e atividades que caracterizaram este território e contribuíram para a construção da sua identidade coletiva e individual. São muitas as referências encontradas ao longo dos séculos sobre os abundantes recursos e as prósperas quintas, pertencentes à nobreza e a várias ordens eclesiásticas que aqui tinham os seus conventos.

Com a extinção das ordens religiosas e a nacionalização dos seus bens em 1843 e a extinção dos morgadios em 1863, Almada assistiu à decadência de algumas e à divisão de muitas propriedades. Relembramos que a lei do Morgadio, que entrou na legislação portuguesa em 1603, impedia a divisão e partilha das propriedades, sendo esta passada intocável para o filho primogénito ou, à falta de filhos, para o parente mais próximo. A extinção desta lei provocou o aumento do número de quintas no concelho.

A quinta era a estrutura base na exploração e ocupação do solo. Para além das zonas agrícolas e de pinhal, albergavam também áreas edificadas de habitação dos proprietários e dos trabalhadores rurais e de armazéns, celeiros, adegas e lagares. Para além do aspeto produtivo, algumas quintas afirmaram-se como elementos de

afirmação social e de espaços de lazer, o que as integra no conceito de quinta de recreio, lugar onde o lazer se conjugava com uma imagem idealizada do espaço rural como lugar de evasão. Estas quintas de recreio, pertencentes à coroa ou à nobreza, renovaram os hábitos recreativos dos seus proprietários.

Atualmente, algumas destas quintas ainda persistem, apesar da grande maioria ter sido destruída devido à forte urbanização deste concelho ao longo do século XX. As estruturas edificadas, associadas à produção agrícola, foram substituídas por urbanizações e vias de comunicação.

Em 1989, o Gabinete de Estudo dos Núcleos Históricos do Concelho de Almada elaborou um documento onde são assinaladas sessenta e duas quintas. Algumas destas estruturas podem ser observadas nos núcleos habitacionais antigos como Almada, Cacilhas ou Sobreda. Na zona rural de Almada algumas das quintas existentes ainda mantêm os edifícios e terrenos de cultivo, apesar de algumas estarem em adiantado estado de degradação, como por exemplo a Quinta da Torre.



Quinta da Torre - Caparica

A não integração das antigas estruturas

rurais nos planos de urbanização resulta na destruição da memória e da história deste concelho.

As quintas existentes são, na sua maioria, propriedades privadas, conservando os terrenos agrícolas e manchas florestais.



Quinta Nossa Senhora da Conceição - Trafaria

As quintas de Nossa Senhora da Conceição, na Trafaria e da Estrelinha, em Vila Nova de Caparica, enquadram-se nesta situação, contribuindo para a preservação de áreas de paisagem rural.



Quinta da Estrelinha - Vila Nova de Caparica

Outras quintas são também utilizadas pela indústria da restauração para a realização de eventos sociais, o que tem conduzido à destruição das estruturas originais, de forma a adaptar os espaços às novas utilizações.

Para além destas situações, existem quintas que estão na posse da Câmara Municipal de Almada (CMA), o que permitiu a preservação dos conjuntos edificados e, nalguns casos, dos

jardins envolventes, favorecendo a fruição pública.

Segue uma breve caracterização do Solar dos Zagallos, da Quinta da Cerca, da Quinta de Santo Amaro e da Quinta dos Frades quintas que, sendo propriedade do município, estão preservadas e abertas ao público.

Solar dos Zagallos



Adquirida em 1980 pela CMA, os edifícios e os jardins encontravam-se em estado de abandono. A antiga Quinta de Cima, próxima do desaparecido convento dos Agostinhos Descalços, foi a partir do século XVIII, sede de morgadio da família Zagallo, tendo sido comprada em 1908 pela família Piano.

Esta quinta possui uma capela dedicada a Santo António e decorada com cenas de azulejo alusivas à vida deste santo. No jardim encontramos um lago central e alamedas onde se localizam duas ermidas, uma dedicada a Nosso Senhor dos Passos e outra a Santo António do Caiado. Atualmente este solar é sede do Centro de Artes Tradicionais e um núcleo museológico ligado à olearia, para além de diversos eventos culturais ao longo do ano.

Quinta da Cerca

Também conhecida por Palácio da Cerca ou Casa da Cerca, esta quinta localiza-se numa zona elevada sobre a arriba do Tejo.



Com características referentes ao século XVII, desconhece-se os seus proprietários originais, apesar da ordem de São Domingos possuir o convento de São Paulo, cuja cerca ficava contígua aos terrenos da Quinta da Cerca. Atualmente está instalado o Centro de Arte Contemporânea, inaugurado em 1993. Possui também um jardim botânico, denominado Chão das Artes, vocacionado para o cultivo de plantas utilizadas na produção de pigmentos utilizados na pintura, gomas, têxteis e telas. No jardim disfruta-se de uma extraordinária vista panorâmica sobre Lisboa e o estuário do Tejo.

Quinta de Santo Amaro



Situada no Laranjeiro, já nos limites do concelho de Almada esta quinta, do século XIX, foi uma importante propriedade agrícola, visível nas estruturas construídas que incluem lagar, celeiro, casa de habitação, capela e armazém. Reabilitada pela câmara de Almada na década de 90, alberga o Centro Cultural e Juvenil de Santo Amaro, inaugurado em 2000.

Quinta dos Frades



Propriedade da Ordem de São Domingos, passou por diversos proprietários aquando da sua alienação, desta ordem, nos finais do século XVIII, transformando-se em habitação da família Barral em meados do século XX.

Adquirida pela autarquia em 1997, com vista à instalação do Museu da Cidade de Almada, inaugurado em 2003. No jardim podem ainda observar-se duas pedras de lagar, que testemunham a existência de engenhos de prensagem.

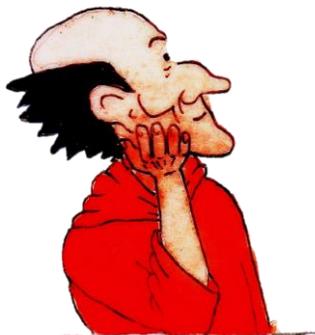
Estes são os bons exemplos em que o município atuou preservando o património construído e favorecendo a sua utilização pela população.

No entanto, seria interessante se alguma quinta fosse objeto de um programa de recuperação do espaço que destacasse os aspetos e as funcionalidades relacionados com a sua atividade agrícola.

Seria um modo de preservar a memória da ruralidade que tanto marcou a vida deste concelho.

Nota: este texto, bem com as suas citações, têm como referência a dissertação de mestrado “Ruralidade em Almada nos séculos XVIII e XIX”, da autoria de Francisco Manuel Valadares e Silva, Universidade Aberta, 2008.

Manif



ferrer 2/23

